

26 de julho de 2023 nº5
ano II

Tatuí, SP

JORNAL

BULI

28º FETESP

**FESTIVAL ESTUDANTIL DE TEATRO
DO ESTADO DE SÃO PAULO
CONSERVATÓRIO DE TATUÍ**





NO FRESCOR DA HORA

4

UM REVOAR DAS ÁGUAS

JULIA PEDREIRA

10

HOJE E TODO DIA É DIA DE MARIA

FELIPE DE MENEZES

COXIA

15

UMA PEÇA DE MATERIALIDADES

MARCO ANTONIO PEDRA

20

CORPO EM ESPIRAL

THIAGO MARCHETTO

CHARGES

24/25/26

DRAMATURGIAS

GRITOS

SANKOFA

KAIO ALEXANDRE

AINDA REVERBERA

27

VACA NOTÍCIA(!)

GABRIEL LOBO

29

ATENCIOSAMENTE, A VACA NOTÍCIA

ANA JULIA, DANIEL TELES, GIULIA HELOISE E LETICIA SALES

32

EXPEDIENTE





UM REVOAR DAS ÁGUAS

POR JULIA PEDREIRA

*apreciação do espetáculo Estuário,
a partir do painel conduzido por
Lígia Helena – VQV – e Thiago Leite –
Conservatório de Tatuí*

Estuário é uma zona alagada onde os fluxos de águas doces encontram as águas salgadas do mar. Ou seja, é a zona de transição entre o rio e o mar. E é nesse espaço de cruzamento das águas – uma verdadeira encruzilhada – que se dá

o encontro das artistas deste espetáculo. São elas oito (nesta noite, sete) mulheres negras, artistas e alunas do curso de dança da Unicamp, que se juntam no impulso de moverem suas corpos, suores, espacialidades, gestos, desejos e trajetórias singulares para comporem uma experiência imersiva nas águas ora salgadas ora doces de seus entrecruzamentos e distanciamentos. Permeando-se de afeto e inundando os espaços em que ocupam, riscam um potente desvio estratégico de luta, invenção e autocuidado. Como não citar Angela Davis: "quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela".

O coletivo Negranças, formado ano passado, emerge, portanto, já rompendo as estruturas acadêmicas de uma universidade, que, em trinta e sete anos de existência, nunca tinha tido um coletivo negro oriundo do curso de Dança. O que parece assombroso apenas confirma o projeto colonialista e racista deste país. Importante ressaltar também o baixo número de alunes negres no curso e a falta de referência de danças negras dentro da graduação de Dança. Portanto, em pleno 2023, o coletivo Negranças vem como "um grito de revolta pelos ares" e traz a ventania transmutante de corpos negres em vôo rasante. Como disse o escritor martinicano Édouard Glissant: "Imagine o voo de milhares de pássaros sobre um lago da África ou das Américas. (...) Sobem e descem fora da vista, caem e enraízam-se, revoam em um

só ímpeto, seu imprevisível é que os une, rodopiando aquém de toda ciência. Sua beleza golpeia e foge." (GLISSANT, 2014, p. 21).

Assistindo ao espetáculo "Estuário: entre íntimos e imaginários", me lembro da obra "Corpo-flor", de Castiel Vitorino Brasileiro, artista, escritora e psicóloga, nascida na Fonte Grande (Vitória/Espírito Santo), onde ela, a partir de uma série de autorretratos, experimenta a liberdade como movimento na própria carne, desafiando a anatomia que corporifica a violência racial a que é cotidianamente submetida. Ela se pergunta sobre quais histórias carrega em si – em que medida tal anatomia revela o passado de opressões e as relações do presente –, propondo-se a construir um corpo que se transmute num hibridismo radical com vidas de outros reinos e mundos. Assim, como Castiel, essas mulheres – cada uma em sua melodia – desafiam suas próprias corpos a habitarem um espaço transitório de devires, escapando dos marcadores sociais da lógica colonial.

O Coletivo Negranças, nesse espetáculo sensível, que toca e arrepia nossas peles, nos envolve em um caleidoscópio de danças: enxergamos vislumbres de existências nas opacidades das águas, recordamos o lamento contínuo das ondas do mar e sentimos o tremor vibrante de seus movimentos. Em suas geografias particulares e investigações orgânicas, essas corpos entrelaçam uma jornada de contínua construção de si e das memórias que carregam, rompendo as

barreiras dos binarismos estanques (dentro e fora, margem e centro, etc.) e abrindo novos desvios na lógica eurocêntrica e neoliberal. Ao disputarem novas tramas e imaginários é como se criassem – seja em palavras, imagens ou corpo – o tempo de agora como potência viva de recriação do passado e transformação do futuro.

Elas nos mostram que pensar/dançar/rasgar/mergulhar/presenciar a partir do próprio corpo e localização é um modo de romper com a objetividade do saber, trazendo a experiência como história viva e potência para construção de novos alicerces para o tempo de hoje. O que essas mulheres fazem em cena é uma travessia arqueológica de desvios, como se elas dançassem escrevendo a si mesmas, criando nesse trânsito e atualizações ancestrais lampejos de vidas – a corpa água rio mar é o terreno de experiência e possibilidade de transmutação e, dessas profundezas, nos lançam o pó das estrelas para compor outras constelações em um mundo regido ainda pela colonialidade patriarcal.

Peço licença para transcrever as palavras Conceição Evaristo:

"(...) o céu, as nuvens, as estrelas, sinais do infinito que minha e mãe e tia nos ensinaram a olhar e a sentir. E desse assuntar a vida, que foi ensinado por elas, ficou essa minha mania de buscar a alma, o íntimo das coisas. De recolher os restos, os pedaços, os vestígios, pois creio que a escrita, pelo menos para

mim, é o pretensioso desejo de recuperar o vivido. A escrita pode eternizar o efêmero... Nesse sentido, o que a minha memória escreveu em mim e sobre mim, mesmo que toda a paisagem externa tenha sofrido uma profunda transformação, as lembranças, mesmo que esfiapadas, sobrevivem. E na tentativa de recompor esse tecido esgarçado ao longo do tempo, escrevo. Escrevo sabendo que estou perseguindo uma sombra, um vestígio talvez. E como a memória é também vítima do esquecimento, invento, invento".

Coletivo Negranças, vocês dançam como se escrevessem – escrevem como se dançassem –, traçando presenças fluorescentes. E hoje, no Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, vocês nos fizeram derramar rios de lágrimas, transformando nossos olhos em estuários das nossas almas. Como disse um espectador: "Vocês não apenas dançam, mas entregam vocês mesmas". Nunca parem de perseguir o íntimo e fazer revoar as águas-almas pelo ar. Vocês são pura abundância, transmutação e transbordamento. Reitero o que disseram muitas vozes negras ali presentes: "Muito obrigada por existirem".





HOJE E TODO DIA É DIA DE MARIA

FELIPE DE MENEZES

apreciação do espetáculo Hoje é dia de Maria, a partir do painel conduzido por Lígia Helena – VQV – e Thiago Leite – Conservatório de Tatuí

Adolescentes, em sua maioria, entrando no ensino médio, vindos da Escola Estadual Nair Guilhermina Pinheiro Nogueira, da cidade de Ribeirão Preto, apresentaram no Centro Cultural de Tatuí o espetáculo "Hoje é dia de Maria", que teve a

direção do professor de artes Robson Marx. O trabalho teve como ponto de partida a minissérie televisiva de mesmo título – esta, por sua vez, teve inspiração na dramaturgia de Carlos Alberto Soffredini e Luís Alberto de Abreu. O grupo, que já tem uma história dentro da escola, embora todos já estejam no ensino médio, ainda se manteve com o interesse de reapresentar a peça construída no ano passado (2022), enquanto estavam no ensino fundamental. Entre substituições e adaptações que foram necessárias para a apresentação de hoje, uma coisa é digna de muitos parabéns: o grupo contou com a participação de uma outra professora da escola, uma ex-professora de história da turma que, aliás, não poupou esforços para dar todo o subsídio para as pesquisas do grupo em relação às temáticas da obra. O coletivo escolheu como espaço cenográfico as regiões Norte e Nordeste do país e, para isso, compuseram uma cenografia, iluminação – e até o sotaque – com uma paisagem conhecida e muito batida daquelas regiões. Gostaria de destacar a força do coletivo durante toda a apresentação: cada atriz/ator estava bastante concentrado naquilo que tinha que fazer em cena e fizeram de maneira graciosa e muito dedicada. A plateia, no debate após a apresentação, salientou temas incômodos, como a violência (gritos e agressões físicas) entre as personagens que deixaram o público um pouco tenso. A vontade de querer fazer uma cena muito realista pode, por vezes, trazer um desconforto aos que assistem, sobretudo,

quando se trata de cenas de brigas e contatos físicos – que exigem dos atores um trabalho de respeito, precisão técnica e muito cuidado com o corpo do outro para não machucar de verdade. O real em cena não é necessariamente o real da vida cotidiana. Não há necessidade de espelhar-mos no palco a vida tal como ela é. O teatro é justamente a possibilidade concreta de reinvenção da vida. É o que chamamos de realidade teatral. Uma cena de violência pode, perfeitamente, ter a mesma – ou até mais – intensidade quando feita poeticamente utilizando elementos abstratos e/ou recursos teatrais. À parte esses momentos de tensão, é preciso dizer que o professor Robson é um artista de muita ousadia e competência, pois criou, com seu grupo de estudantes, momentos belíssimos de muita delicadeza e poesia como, por exemplo, a cena da preparação do café. Destaco, também, os momentos de coralidade, em que o grupo todo está em cena ajudando ativamente na construção da narrativa. Esses momentos em que entram todos são os mais vibrantes, seja dançando ou cantando. Cada uma/um deixou ali, naquela tarde, um pouco de si. O teatro precisa de comprometimento, entrega e muita dedicação. Tudo o que passamos nos ensaios, as horas de leituras de textos, o vai-e-volta das cenas, as músicas, a construção dos objetos de cena, tudo isso exige muito. Entretanto, é extremamente recompensador quando, nos olhares, respirações e aplausos do público, sentimos que fizemos bem aquilo

que nos comprometemos em fazer. E isso a turma do Constante mostrou que tem.

Desejo a todos vocês que continuem fazendo muito teatro, que valorizem os professores teatros de vocês; desejo que voltem logo pro FETESP e saibam que o teatro irá fazer um bem danado na vida de cada um e cada uma de vocês. Até a próxima, pessoal!





UMA PEÇA DE MATERIALIDADES

MARCO ANTONIO PEDRA

bolsista estagiário de apreciação crítica para espetáculo Hoje é dia de Maria. estudante de artes cênicas da Unicamp

A estrada entre Ribeirão Preto e Sorocaba é de aproximadamente trezentos quilômetros. Para dois projetos artísticos destas cidades, a distância foi diminuída pelo FETESP, que reuniu em sua programação *Hoje é dia de*

Maria e A Vaca Notícia, espetáculos que carregam expressivas semelhanças em seus processos criativos (e diferentes resultados estéticos). Trata-se de peças teatrais criadas em escolas estaduais que fazem parte do PEI (Programa de Ensino Integral). A direção dessas peças foram dos professores de Arte das duas escolas, e o espaço para o processo criativo de ambas as peças foi concentrado nas aulas de Arte. Para saber um pouco mais sobre a *A Vaca Notícia* leia a terceira edição do Jornal BULI publicada na 28ª edição do evento, no dia 24 de julho de 2023. Em *Hoje é dia de Maria* há um trato muito bonito com a visualidade do espetáculo. Os figurinos foram feitos sob medida por uma costureira e a cenografia foi concebida em conjunto. E tudo segue uma paleta de cores de tons terrosos, quentes, o que combina com a afetividade da história de Maria – uma menina que vai em busca das franjas do mar. Ao longo do espetáculo, muitas imagens se formam. Uma delas é feita com *flash* de celulares, barquinhos de papel e luzes apagadas. Um coro de barquinhos navega pela área cênica, que tem formato de corredor – uma escolha simbólica tendo em vista a trajetória de Maria. Acompanhei o grupo desde às catorze horas até o momento da apresentação, às dezesseis, e pude presenciar o quanto a materialidade é importante para este coletivo. Muitas foram as vezes em que o elenco conferia se os objetos estavam no lugar certo para que fosse feita corretamente a contrarregragem. O diretor, para a apresentação, comprou diversos objetos

novos para a cena: o revólver, a meia-calça, o capacete... Tudo foi desembulhado poucas horas antes do início da apresentação. Quando apresentaram a peça pela primeira vez, os alunos já tinham tais objetos, mas decidiram providenciar versões melhores para a apresentação no FETESP. Esta foi a segunda apresentação deste trabalho. Antes do público chegar, o elenco estava bastante nervoso com a possibilidade de acontecer algum erro que eles não conseguissem reverter. E não é para menos. Antes, a pia em que Maria faz um café tinha pernas e rodinhas, mas, pouquíssimo tempo antes do espetáculo começar, as pernas quebraram e o elenco precisou carregar com a força dos braços o material ao longo da peça. A personagem Zezé pedia um lanche que o grupo havia encomendado pelo iFood. O lanche não chegou, arranjou-se uma banana. Com estes empecilhos, é normal que a dose de medo do elenco aumente diante da apresentação. O professor Robson e a professora Viviane, de História, tranquilizaram os estudantes. E alguns integrantes do elenco também emanaram palavras positivas para os colegas que estavam mais inseguros. Ademais, a equipe contou com a ajuda de Pedro, um amigo de Robson, responsável por registrar a apresentação em vídeo. Pedro estava sempre por perto ajudando como podia. Além disso, houveram três exercícios de concentração marcantes, todos feitos com muito ânimo e energia. Via-se a vontade dos alunos em dar o máximo de si em prol do trabalho coletivo. Com este pensamento,

não é à toa que os momentos de coro – acompanhados por cantigas populares – conseguiram destaque no espetáculo. E este coro pretende continuar navegando junto pelas franjas do mar! Ouvi alguns comentários dos alunos e dos professores sobre coisas que poderiam ser aprimoradas para as próximas apresentações após o FETESP. Há um desejo forte de continuidade. O grupo está de olhos atentos para aprimorar aspectos do espetáculo. Que consigam dar continuidade às apresentações e não percam de vista o teor pedagógico do projeto, afinal, ter esta perspectiva de estudo com certeza está ajudando o grupo a aprimorar a obra.





CORPO EM ESPIRAL

THIAGO MARCHETTO

bolsista estagiário de apreciação crítica para o espetáculo Estuário. estudante da escola dos doutores da alegria

As que vieram antes é o corpo de mulheres griots, sobretudo, estudantes da Unicamp. Foi no dia 25 de Julho, Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Preta, e do encontro entre a água do rio e do mar que o Teatro Procópio Ferreira se fez

morada. Corpo fogo, corpo água, respiro... ar, espaço, tempo, corpo caule, pés/raízes.

A coletiva *Negranças* foi o primeiro coletivo de dança em vinte e oito edições do FETESP e, primeiro coletivo preto de dança que surgiu na Unicamp. Coincidência? Ou estão fazendo história? Composto e idealizado por oito intérpretes e dançarinas pretas e dirigido pela Adnã Ionara – uma das integrantes da Danças Afro-brasileiras de Campinas.

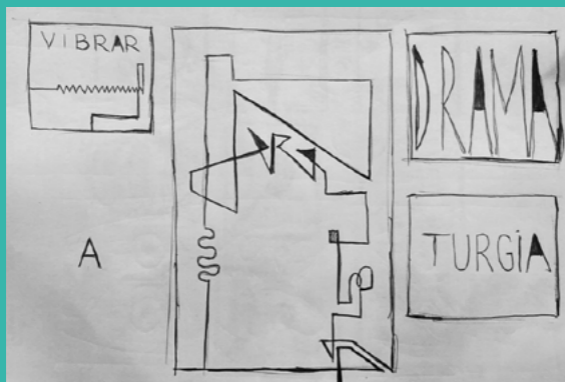
O que um trabalho sobre o corpo pode refletir na minha fala, na minha organização, no meu aterramento em Tatuí? O surgimento de búfalas em terras interioranas, juntas numa revoada não ocidental, mas dentro do Ocidente. A falta da liderança reforça a escuta plural dentro deste coletivo que pesquisa ideias de aquilombamento. A memória corporal contemporânea ecoa na manada, ressignificando passagens de um povo em diáspora. Isto é, olhar para o palco e enxergar outros corpos aterrados, inclusive as mães e as avós das intérpretes. Esta egéria abre mão da solidão, da luta e da violência, e dá colo ao afeto. É preciso agora gestualizar, porque a boca não faz mais sentido pra você. Estratégica a forma como elas refazem a herança deixada pelas ancestrais delas – a oralidade. E este corpo que fala e boca que fecha não é um grito de socorro de corpos pretos, é um afinco corpóreo e do novo nosso.

Este corpo singular e coletivo é uma autocarta que eu entrego para que você

continue existindo, porque o tempo não gosta do que se faz sem ele. O tempo é a divindade mais poderosa de todas as culturas. Como já dizia Simone de Beauvoir: "Que espaço o meu passado deixa para minha liberdade hoje? Não sou escrava dele!". É preciso muito pertencimento para ressignificar não só uma história, mas a história de um povo. E essa dramaturgia é o meu braço, é a minha perna, meus dedos, pé, peito, nuca. Este corpo é a expressão da minha língua cansada.



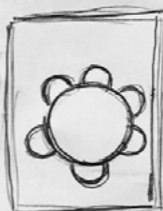
DRAMATURGIAS



KAIO ALEXANDRE

GRITOS

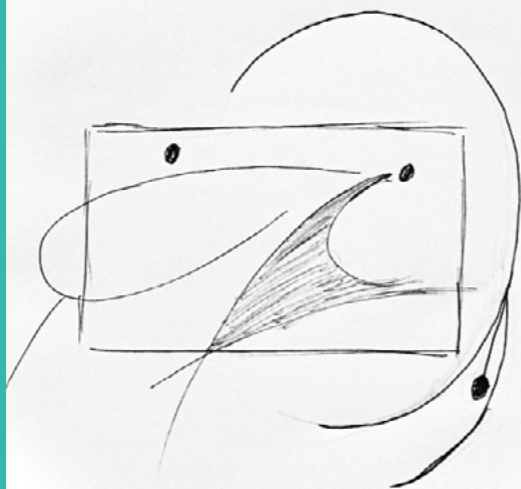
SER, DIVERTIR!



KAIO ALEXANDRE

SANKOFA

AFETOS
AFETAM



KAIO ALEXANDRE



VACA NOTÍCIA(!)

GABRIEL LOBO

*ex-estudante do curso de artes cênicas
do Conservatório de Tatuí*

Uma das inquietudes que ainda circulam em minha cabeça: Reflexo. Adjetivo. Que resulta de reflexão; refletido."luz, imagem. Que não atua ou não se produz diretamente; indireto. Diz-se da reação involuntária, sensorial ou motora, a

um estímulo exterior/interior". O conforto nostálgico em ver esse "bando" (com todo o respeito e carinho possível) de adolescentes no palco. Nós – digo no plural devido à minha crença de que muitos artistas começaram a trilhar seus caminhos durante o teatro na escola, assim como eu – somos levados para o palco pela tamanha energia e vontade no olhar dos jovens que pertencem à cena, através de um filme internalizado por detrás dos olhos. Onde somos convidados, ainda que indiretamente, a revisitar as memórias mais bonitas e singelas de uma infância-adolescência submersa ao teatro. O espetáculo mostra a importância e delicadeza dos grupos de teatro estudantis que ainda resistem e re-existem, enquanto formação pedagógica e social através da arte da cena, e, numa camada ainda mais profunda, a grande relevância desse espetáculo enquanto fomento e formação de público de teatro, que, além do entretenimento, serve também para a construção e educação cultural e criativa da nossa sociedade. Sem mais delongas, um grande abraço ao grupo, e que Vaca Notícia continue pastoreando pelo chão desse Brasil.



ATENCIOSAMENTE, A VACA NOTÍCIA.

**ANA JULIA, DANIEL TELES, GIULIA HELOISE
E LETICIA SALES**

*integrantes do grupo Alta da E.E. Prof.
Altamir Gonçalves de Sorocaba-SP*

Nós, do grupo Alta, tivemos a imensa oportunidade de participar do 28º FETESP, que com uma ótima estrutura está proporcionando incríveis momentos de estudos, aprendizagem e apreciação da arte.

No dia 23 de julho de 2023 fizemos a primeira apresentação de "A Vaca Notícia" em parceria com o festival. Logo pela manhã, nos reunimos no Centro Cultural de Tatuí para colocar em prática os ensaios, foi um dia de muitas emoções, fomos muito bem recebidos por todos os grupos e colaboradores da organização. Após o ensaio, almoçamos e retornamos ao espaço da apresentação, demos início às produções e preparativos para o início do espetáculo, quando a peça chegou ao fim tivemos uma devolutiva de opiniões da plateia, na qual lágrimas caíram e sorrisos foram plantados. Organizamos o cenário e partimos para o hotel onde nos preparamos para o jantar e para a apreciação do "Clube da Sofrência", que teve a presença do cantor/compositor Johnny Hooker homenageando a falecida Marília Mendonça.

No fim da noite, voltamos ao hotel e descansamos, após um dia tão produtivo e significativo para nós.

O grupo ALTA agradece ao FETESP, aos funcionários, artistas e a todos os envolvidos por nos proporcionarem presenças incríveis e um aprendizado que, afirmo dizer, não teríamos em qualquer outro lugar.

O acolhimento de todos é algo inexplicável, o sentimento de alegria ao escutar e também ao desejar "merda" antes de uma apresentação é uma coisa que faz toda a diferença. A sensação incrível de estar no palco e ter uma imensa gratidão por saber que não iríamos ser julgados, e sim

reconhecidos pela nossa arte, fez com que não ficássemos apenas atrás da coxia, mas tivéssemos coragem para ir na frente do palco, mostrando nosso talento e nosso amor pelo teatro. E, mesmo após as dificuldades, nós conseguimos uma evolução e levamos a nossa arte para fora do pátio de uma escola pública, levamos para o mundo. Perante tantas emoções, compromissos, responsabilidade, dedicação e carinho, resumindo, vivemos 5 dias turbulentos que, posso afirmar, nós, do grupo ALTA, nunca iremos esquecer, ficará uma marca para a vida toda. Não temos palavras para expressar a gratidão, obrigado FETESP.

EXPEDIENTE

Coordenador editorial

Antonio Salvador

Coordenadora de comunicação

Luiza Lorenzetti

Arte design

Lívia da Silva

Produção editorial

João Fabbro

Revisão de textos

Thiago Leite

João Fabbro

Colaboradores

Ana Julia

Camila Barbagallo

Daniel Teles

Gabriel Lobo

Giulia Heloise

Julia Pedreira

Felipe de Menezes

Kaio Alexandre

Leticia Sales

Marco Antonio Pedra

Thiago Marchetto

Fotógrafo

João Maria

[Leia também por meio deste link a Buli - Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí](#)

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustenidos Organização Social de Cultura.

Apoio:



Parceria:



PREFEITURA DE TATUÍ

poiesis
gestão cultural



OC
OFICINAS
CULTURAIS



8º ENCONTRO
MAMULENGO
em SÃO PAULO



Realização:

#SUSTENIDOS



CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO